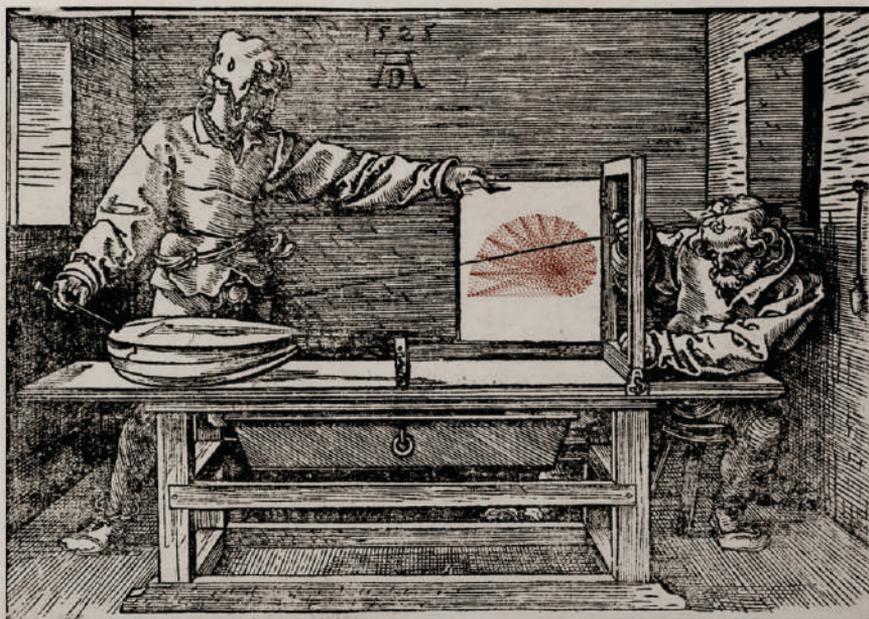


SANDRA MARA  
CORAZZA

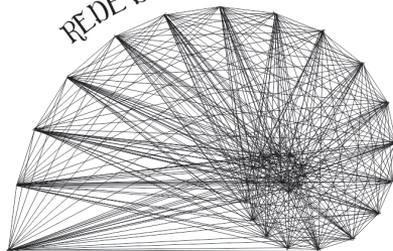
(ORG.)



# MÉTODOS DE TRANSCRIÇÃO:

PESQUISA EM  
EDUCAÇÃO  
DA DIFERENÇA

REDE DE PESQUISA



# ESCRILEITURAS

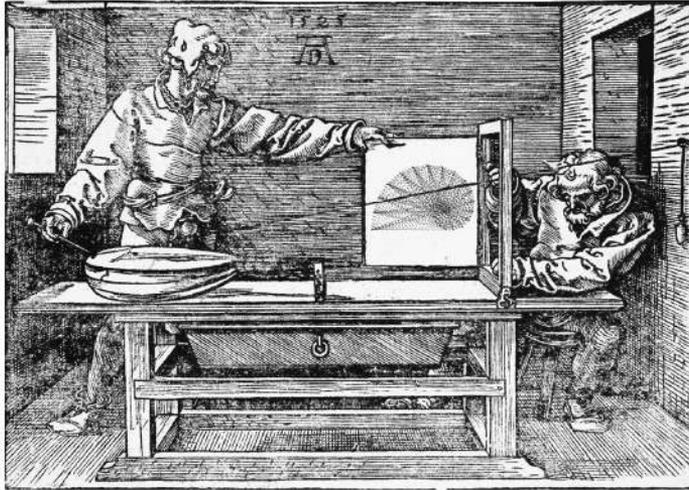
DA DIFERENÇA EM FILOSOFIA-EDUCAÇÃO

APOIO:



O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) via Bolsa de Produtividade 1B 303430/2018-4 (2019-2023).

SANDRA MARA  
CORAZZA  
(ORG.)



# MÉTODOS DE TRANSCRIÇÃO

PESQUISA EM  
EDUCAÇÃO  
DA DIFERENÇA



São Leopoldo  
2020

© Dos autores – 2020

Editoração e capa: Fabiano Neu

Imagem da capa: *Man drawing a lute*, de Albrecht Dürer, com intervenção de Fabiano Neu

Conselho Editorial (Editora Oikos)

Antonio Sidekum (Ed.N.H.)  
Avelino da Rosa Oliveira (UFPEL)  
Danilo Streck (Unisinos)  
Elcio Cecchetti (UNOCHAPECÓ e GPEAD/FURB)  
Eunice S. Nodari (UFSC)  
Haroldo Reimer (UEG)  
Ivoni R. Reimer (PUC Goiás)  
João Biehl (Princeton University)  
Luiz Inácio Gaiger (Unisinos)  
Marluza M. Harres (Unisinos)  
Martin N. Dreher (IHSL)  
Oneide Bobsin (Faculdades EST)  
Raúl Forner-Betancourt (Aachen/Alemanha)  
Rosileny A. dos Santos Schwantes (Uninove)  
Vitor Izecksohn (UFRJ)

Editora Oikos Ltda.  
Rua Paraná, 240 – B. Scharlau  
93120-020 São Leopoldo/RS  
Tel.: (51) 3568.2848  
contato@oikoseditora.com.br  
www.oikoseditora.com.br

---

M593 Métodos de transcrição: pesquisa em educação da diferença. / Organizadora: Sandra Mara Corazza. – São Leopoldo: Oikos, 2020.

594 p.; il.; 18 x 25cm.

ISBN 978-65-86578-28-7

1. Formação – Professor. 2. Educação – Práticas de pesquisa. 3. Escrita – Transcrição – Filosofia da diferença. I. Corazza, Sandra Mara.

CDU 371.13

---

Catálogo na publicação: Bibliotecária Eliete Mari Doncato Brasil – CRB 10/1184

# MÉTODO ESPIRITOGRAFICO: OFIS-SOFIA VALÉRYANA

*Maria Idalina Krause de Campos  
Sandra Mara Corazza*

## Prólogo

**D**iscorrer sobre o Método Espiritográfico é traçar caminhos que foram seguidos para sua construção, o que se configura em uma série de ações de pesquisa que se ocuparam de um plano de pensamento de articulações múltiplas e peculiares. Tal plano de pensamento estabeleceu uma trajetória mutante para o espírito, visto que o trabalho de pesquisa perfaz quase uma década de atividade constante de aperfeiçoamento, com aportes da Filosofia da Diferença-Educação.

O percorrido de pesquisa ocorre em atravessamentos com quatro projetos da pesquisadora e professora doutora Sandra Mara Corazza: Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze (2011-2015); Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida (2011-2015); Didática da tradução, transcrições do currículo: escrileituras da diferença (2015-2019) e A-traduzir o arquivo da docência em aula: sonho didático e poesia curricular (2019-2023). Desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDu) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Neste tempo foi possível reatualizar saberes através de uma ofis-sofia valéryana e que pertence à ordem da ação do intelecto onde novas perspectivas se desenham. Ato de vontade de potência que se mostra como um *continuum* de pesquisa, que *não finda, pois* está sempre em processo.

Podemos afirmar que criar um método é tratar de expor as agruras de um teatro do pensamento vivível, ou seja, “criar uma espécie de angústia para resolvê-la” (Valéry, 1997, p. 117). Pois, ao pesquisarmos somos nós mesmos que nos experimentamos para originar os eixos do nosso próprio pensar colocando-os da desordem a ordem. E tal como uma serpente que espreita, buscamos ma-

neiras efetivas para expressar – pelo viés da escrita – os pormenores de nossas discussões e manobras internas itinerantes. Serpente que aparece em toda a obra de Valéry como um emblema da consciência, como uma figura antropomorfizada, afeita ao exercício do pensar levado aos limites mais extremos, inclusive com a possibilidade de devorar a si mesma.

São ações de um pensamento serpenteado que se arrastam e deslizam num esforço para adaptar palavras ao próprio pensamento. Opera-se então, uma tradução de arquivos cujo intuito é escrever transcriadoramente, o vem da língua de uma serpente encarnada e que armada até os dentes morde o que pode via pesquisa. Para assim aos bocados construir seu método transcriador que na medida em que se faz, faz também desentorpecer o próprio espírito que o faz.

O Método Espiritográfico tomou a vida e a obra do pensador secular Paul Valéry (1871-1945), cuja produção intelectual se foca em múltiplas temáticas do conhecimento. Interessa a ele — mais do que o próprio conhecimento em si — o pano de fundo do funcionamento do intelecto gerador de conhecimento, ou seja, as ações de pensar o próprio pensamento verificando o que esses pensamentos implicam. Tal interesse vivifica as ações de pensar e de escrever utilizando formas e estilos variantes, como por exemplo: diálogo, prosa, poesia, ensaio, carta, discurso, aula. Esses tipos de escritos contemplam uma multiplicidade de áreas do saber como: filosofia, matemática, música, poesia, teatro, além de análises e críticas sobre cultura e sociedade.

Sendo assim, foi preciso reativar uma história de vida, a de Valéry, e traduzí-la com a curiosidade pelo passado, isto é, aprender a lê-la e servir-se dela, o que se impôs como processo simulatório de viver outra vida além da nossa. Isso porque algo nessa vida nos impele necessariamente a investigá-la; o que aconteceu existencialmente é organizado e reordenado, como em um mapa, por nossa vontade, por nossa força, e é de nossa maneira de pensar atenta que tornamos essa vida essencialmente atual.

Logo, posso afirmar como René Descartes (1983, p. 30) que: “meu desígnio não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira me esforcei para conduzir a mi-

nha”. Razão que não esquece que é preciso também sensibilidade – que nunca devemos perder de vista – mesmo sendo ela uma mola por vezes diabólica e que nos joga sempre para novos devires de pensamento.

Jogo que jogamos entre tentativas, falhas, perseguindo a captura de ideias para suprimos nosso laboratório próprio, pois, acreditamos que o espírito numa trajetória de vida ocupa três lugares funcionais (EEE), quais sejam: o de Estudante (espírito que desde a infância percorre um curso tradutório de escrita e leitura); o de Escritor (espírito autor, tradutor e transcriador); e o de Educador (espírito em exercício de tradução na prática do magistério). Note-se que tais procedimentos se dão por intermédio de es- crileituras tradutórias de cunho espiritográfico, em que o espírito age por si transcriadoramente enquanto se move entre leituras e escritas, o que serve como uma *práxis* ao campo da educação.

Nesse sentido, o verdadeiro estado poético do espírito ocorre na vida que o espanta, nos graus de forças de seus acidentes. São ciclos serpenteados de pensamento que se estabelecem no processo de uma pesquisa poética errante, onde ocorrem inesperados lampejos de criação. Estado poético que requer, por vezes, o isolamento. Um tempo próprio para que uma escrita poética surja e um método transcriador se faça. Em outros casos, pode ocorrer uma aproximação brusca de ideias desordenadas que se apoderam de nosso corpo, e como caçadores atentos adentramos pela floresta da linguagem, com todos os músculos e vísceras orientados para a caça.

Se pensarmos bem, talvez esse Método Espiritográfico já existisse em algum lugar, quem sabe num sonho, bastava que um trabalho intelectual in- tenso e rigoroso de pesquisa o encontrasse e o fizesse aparecer via uma cons- ciência es- crileitora. E para que isso ocorresse fez-se necessário operar com matérias de arquivos diversos e traduzí-los e reatualizá-los em novos corpos linguísticos. Numa entrega do espírito que se propôs fazer germinar não uma doutrina, mas um método capaz “de operar transformações sobre aquilo que já sabemos algumas partes, para daí extrair ou compor tudo quanto do assunto podemos saber” (Valéry, 1952, p. 27).

Neste caso, criam-se condições para uma escrita-artista que propicia lidar com o ainda não visto, exercitando as impressões visuais que se demoram nas sensações e criando uma visão singular e axiológica para o ainda não significado, não interpretado ou ainda não atribuído de valoração por não ter sido descoberto.

E para obtermos transformações para além do que já se sabia sobre vida e obra de Valéry, fez-se necessário levantar novos problemas para produzir um Método Espiritográfico de viés valéryano. E que mostrasse a importância da continuidade e da permanência de seu pensamento na educação dando a ver um Paul Valéry educador.

Para tanto, colocamos em curso forças operativas — de leitura e de escrita em um processo ativo de tradução — e que serviram como impulso para uma trajetória autoconsciente do espírito que se aventura entre rasuras, que almeja o novo e, por isso, produz uma escrita aberta, sujeita a interações e oscilações oriundas de um Eu-empírico que age sobre textos transcriadoramente.

Sinteticamente, trata-se de um fazer conjunto com Paul Valéry e sua vida (vida e obra tomadas conjuntamente), com os seguintes aportes: a) o Método Espiritográfico, utilizado como processo experimental informe para falar, ler e escrever sobre a educação com Valéry; b) mediante uma self-variance do espírito, colocar-se em movimento funcional, prático e construcionista, em que o espírito se autoeduca no entre-lugar variante de EEE; c) a escrita conciliada como um campo aberto à formação e ao fazer docente, que mescla linguagem e conhecimento; d) em uma dracomédia humana — misto de drama (Deleuze) e comédia (Valéry) — que rabisca novos traçados de escrita possível, vivida pelo pathos (paixão), que nos arremesse novamente para um fora de nós mesmos, para que uma nova empiria poética possa assim surgir e, com ela, novos personagens que emitem vozes.

O Método Espiritográfico busca dar adeus às metanarrativas, de ambição universal insistente nos entremeios do território educacional. Sua ambição universal é hermética e, portanto falha, pois impede uma discussão que se quer aberta e não reprodutora de conhecimento. Esta abertura a que nos propomos trouxe ao próprio currículo e a didática, um entoar de novas vozes, capazes de

compor micronarrativas novas, fazendo da ação de educar um espaço crítico, um lugar público para discussões diversas e singulares.

Ao estabelecermos um distanciamento dos dogmas universais passamos a desenvolver uma ação de captura de novos fluxos de escrita e que operaram como movimento de criação. Para cultivar um Eu-empírico que lê e escreve transcribando textos, importando-se mais com o meio de ocorrência textual do que com um fim ou com uma meta. Uma ofis-sofia valéryana se estabelece onde um espírito-serpente, sem porto seguro, almeja criar tipos de espiritografias, – via Método Espiritográfico – diante da realidade nem sempre alegre do vivível, nutrindo-se da leveza que luta contra o peso e a fragilidade do existir. O que faculta ao espírito em self-variance (variação de si - EEE) sonhar, autoeducar-se e construir a sua própria realidade no campo ambiental da linguagem.

O texto se divide em três tópicos intercambiáveis, que versam sobre o Método Espiritográfico, são eles: 1) Aromas de um pensamento; 2) Caixa de Pandora; 3) Poética espiritográfica na educação<sup>1</sup>.

## 1. Aromas de um pensamento

A tarefa de um professor-pesquisador é infinda, incerta e labiríntica, porém prazerosa e instigante. É preciso estar à espreita como uma serpente para viver em pesquisa, em uma busca constante de aperfeiçoamento, o que torna esta existência no magistério prazerosa e também surpreendente.

Encontrar-me com Valéry e sua obra (arquivo) é o que tem me tomado nos últimos anos, o que me propicia um prazer conectivo de relacionar seus escritos com o fazer educação. Esta conexão diz também de uma sede e de um desejo vivo de transmutação de saberes. Desta maneira, tomei para mim, como rigor metódico, o querer transmutar saberes com Valéry via pesquisa. E por meio desta exploração, dei vida a pensamentos serpenteados, uma *hierofania* profanada, que exige arrancar velhas peles secas, para ir beber na fonte como

---

1 Para compor os três tópicos foram feitos recortes e costuras do livro: Campos, M. I. K. de. (2018). *Paul Valéry educador*. Porto Alegre: Ed. Mikelis.

um réptil, arrastando o corpo anelado que desliza sobre folhas; para que assim surgisse deste organismo visceral em metamorfose, uma escrita úmida, oriunda da língua de uma serpente encarnada, posta em recirculação a seguir os rastros deixados pelo pensador.

Na realidade, é um desejo que ronda “como uma mina a céu aberto” (Barthes, 2013, p.12) e que propicia criar uma fantasia de *exploração*; e por intermédio dela, construir um ritmo próprio de ação, um *como*, para *viver junto*, saboreando cotidianamente “bocados de saber = pesquisa”. Estes bocados foram tomados vorazmente como num bote de serpente que espreita, e que faz parte — por analogia — do processo intenso de um professor-pesquisador.

Para tanto, neste processo, é preciso arriscar-se num mergulho de leitura, em uma pesquisa intensa, de horas, de dias e de noites insones, em um frenesi de sensações, que remexe vísceras, num ímpeto para uma escrita febril e que venha das entranhas ocorra. O que se verifica em nosso próprio corpo, na pele excitada, nas veias que pulsam o sangue veloz, afirmando a vida como um estado poético. Trata-se *de fazer (poiein)* uma *poética* onde analisamos a ação que faz o escritor, para que a escrita seja feita e o que este ato exige; e como este mecanismo ou obra do espírito sobre o qual nos debruçamos pode servir para nosso próprio uso. Na medida em que este fazer também nos interroga, fazendo que sobre ele possamos levantar novos problemas.

Assim, entre interrogações e problemas, passamos a vivificar tudo o que há de serpente em nós. E por este meio vivificante, de um estado emocional excitado, provocamos a consciência de nosso lado humano, que cria imperativamente também, capacidades comuns aos répteis. Ou seja, a de nos utilizarmos de fontes externas de calor, oriundas das leituras, bem como uma espécie de regulagem da temperatura corporal, que se dá à medida que passamos a escrever. Uma serpente com espasmos de ave, se presentifica: *comme l'arôme d'une idée* (como o aroma de um pensamento - Tradução nossa) a procura de um alguém que traduza seus intentos poéticos.

Desta maneira, damos vida a uma grafia de estilo *proteiforme* mani-festa, de um espírito serpente, que se expressa através de bocados com versos e pa-

lavras coleadas, num misto de sedução e múltiplos enigmas. Condição de existência dos que escrevem, dos que necessitam se impregnar ou embeber-se das surpresas tradutórias, dos encontros transcriadores que propiciam novos saberes e fazeres, para não fenecermos tristemente com as falsas certezas.

Charles Baudelaire (1993, p. 13) pondera que se “encontra o homem na obra. Os personagens e os incidentes são a moldura e o planejamento de suas lembranças”. Paul Valéry, em toda sua trajetória de vida escreveu sobre conteúdos dos mais diversos campos do conhecimento, o que pode ser verificado em sua vasta obra. E é nela que o encontramos. Misto de poeta, pensador e crítico da cultura, possui uma maneira original de lidar com o espírito, tendo sido traduzido por escritores e também poetas em vários idiomas: Augusto de Campos (para o português); Jorge Guillén (para o espanhol); Rilke (para o alemão). No entanto, apesar de possuir um reconhecimento internacional pelo conjunto de suas obras produzidas, é ainda pouco explorado no Brasil. Principalmente no que tange ao uso — teórico prático — de seu pensamento no campo da Educação.

Por esse motivo, consideramos importante examinar sua vida bem como seus escritos de estilo variado que trazem uma multiplicidade de temas, que guardam como pano de fundo o funcionamento do espírito humano. Sendo por esta razão, tomado como mote de pesquisa. Um desafio, de escrever uma tese em educação sobre Valéry usando os procedimentos de escrita do próprio Valéry. E passar, assim, a coexistir com ele, recebendo, por meio da leitura de seus textos, “uma espécie de ordem fantástica”, segundo Barthes (2005), na captura dos pormenores, dos fragmentos que, aos poucos, transmigram prazerosamente para nossa vida, para o nosso cotidiano de pesquisa.

Tal transmigração nos oportunizou constatar que Valéry é um espírito-grafista, pois se utiliza da leitura e da escrita, ou seja, da linguagem como um meio de expressão para seus *estados poéticos*. O que vai ao encontro da origem do termo *espiritografia* — retirada da Doutrina Espírita de Allan Kardec — e que utilizamos em nossa pesquisa numa perspectiva valéryana, isto é como ação em que “é o espírito que age diretamente, por si mesmo” (Corazza 2012, p. 123).

Nestes termos o interesse de pesquisa voltou-se para o pensamento do espírito humano, fazendo da literatura um espaço superlativo de resistência que promoveu através das escrituras um exercício empírico de escrita, ou seja, de soberania da consciência. Que questiona o dado, por via de um fazer literário mutante sempre recomeçado.

Paul Valéry vai utilizar-se da palavra francesa *esprit* para aludir ao Eu, como uma potência de transformação. Mas há em seu pensamento a distinção entre dois tipos de espírito: *Moi*, que seria o Eu empírico (*self-variance*), e *Moi*, que seria o Eu puro (*Idolle de l'Intellect*), a ser cultuado, buscado. Esse conceito de Eu puro deve ser entendido com uma significação particular — o Eu como consciência de si, intelecto, inteligência. O espírito como um signo de pura possibilidade, de uma virtualidade.

Abordando a questão da linguagem, Valéry alerta que ela pode ser facilmente cristalizada, pela não observância do estado nascente de uma emoção criadora, ou seja, do impulso inicial para uma nova escrita. Sobre sua ação de escrita dizia: “tenho a estranha e perigosa mania de querer, em qualquer matéria, começar pelo começo, o que vem a dar em recomeçar, em refazer uma estrada completa, como se tantos outros já não a houvessem traçado e percorrido...” (2011, p.209). Pois, não há facilidades para o uso e manuseio das palavras: é preciso vontade, esforço, trabalho intelectual que produza um constructo de impressões, “que é fruto de longos cuidados e reúne uma quantidade de tentativas, de repetições de eliminações e de escolhas” (Valéry, 2011, p.200). Num processo funcional de recomeçar e de repensar constante que precisa ser eivado pela virtude da surpresa e o prazer da descoberta, para construção do texto, como um poema, por exemplo.

A velocidade com que passamos pelas palavras pode levar a uma bonita erudição, porém ilusória e enigmática, sem a clareza necessária que exprima verdadeiramente o que se quer dizer. Esse incidente necessariamente não produz um poema, mas incorpora-se ao pensamento. Uma proposição qualquer pode surgir, servindo de instrumento para uma pesquisa posterior. Pois que, “[...] os pensamentos aparecem assim em meio a circunstâncias que não lhe são nada

convenientes e nas quais eles não são nada esperados” (Valéry, 2009, p. 77), mas nos enchem de expectativas!

É uma ação de educar os sentidos e entrar em cena adentrando em um jardim desconhecido, com um lume de curiosidade no olhar. Mesmo que por vezes sintamos na pele o ar estrangeiro, como um *Lobo da Estepe*, nos percebemos feito, “aquele animal extraviado que não encontra abrigo, nem alegria nem alimento, num mundo que lhe é estranho e incompreensível” (Hesse, 1955, p. 34). Isto é parte do processo.

É sob esse prisma que devemos considerar os escritos de Valéry, como um poeta, um pensador dos detalhes do fazer, afeito aos estados poéticos, que povoam os labirintos do pensamento. Trata-se de um espírito que dança sobre a prancha fina e provisória estendida sobre o abismo da linguagem. Dança que não deve ser rápida demais, pois anularia o saboreio do bailado. Nem tão lenta, que traria junto à inércia total, o peso, a falta de graça que forçosamente resultaria numa quebra da prancha e uma queda abismal direta em suas profundezas. Mas é possível estabelecer uma dança-floreio de um espírito que busca o raciocínio exato, que traduz estados poéticos, expressos através do uso preciso das palavras.

Sendo assim, foi necessário no processo de pesquisa, acompanhar também desde o princípio a trajetória existencial de Paul Valéry percorrendo uma estrada ofertada pela linguagem de onde foi possível extrair, desta criatura de pensamento, como diz Barthes (2005), “um simples plural de encantos”, para assim com ele passar a escrever. É certo, portanto, que as experiências são singulares sendo que; “vive-se, porque se escreve, com as mãos, com o cérebro, com a pele, com toda a palpitação da carne”. (Zordan, 2015, p. 480). Um surpreendente e misterioso jogo de estados poéticos, estabelecidos entre a inteligência e o acaso.

Autoeducação que é epitelial, de carne singularizada por afecções que tatuam paisagens únicas, nos corpos dos que se aventuram em um devir de pesquisa-docência. Adornos, rasgos, zona fronteira aberta a “pele como lugar imediato de contato com os outros e com o mundo” (Breton, 2013, p.9). Forças pintalgadas em uma anatomia, como marcas deixadas em um organismo vivo e que traduzem estados de ânimo. Movimentos que espargiram tinturas que se

descobriram e se misturaram, formando diferentes matizes por via de um pensar exploratório disciplinado; operado como ato de fazer de ação e de resistência em uma vida que se quer afirmativa. Carne invadida, estranhezas, autotransformação, desfrutes, propiciado pelo coengendramento — entre criador (Valéry) e criatura (Eu Educador) — em vivíveis tempos navegáveis de autoexploração espiritual, nos mares de estudos e de pesquisas.

A construção do Método Espiritográfico trata justamente disso, pensar Paul Valéry em uma projeção educacional, um espírito de pensamento aberto, disposto a estabelecer relações pedagógicas, num exercício de uso das palavras e de um fazer de escritas compartilhadas, que estimulam o pensar; e desencadeia um complexo poético, um polêmico jogo entre literatura, filosofia e educação, numa trípole energética de saberes. Que coloca em cena um teatro mental, uma operatividade, de uma consciência da linguagem, usada pelo espírito como intermediária para a problematização da vida e que lhe dá sentido, mesmo que temporariamente, pois a consciência como teatro encontra-se como o *Demônio dos possíveis*, que lhe abre as escotilhas para o convés da existência, dando passagem a um espírito caçador de detalhes.

Dessa maneira promoveu-se uma educação dos sentidos, sustentando um Método Espiritográfico que é informe, que se apresenta para fazer pensar, através de ações de ensinar e de aprender, — trajetórias errantes — em ondas estrangeiras onde há vagâncias, entre lugares a serem descobertos, pois “[...] é o que contendo de desconhecido a mim mesmo que me faz ser eu mesmo” (Valéry, 1997, p. 59). E por estes meios cambiantes, — de pensamentos serpenteados, — reconstruirmos uma visão ética do mundo e ir um pouco mais adiante dos que nos impõe o senso-comum e a *doxa* obstaculizante, que pouco se transmuta. E exercitar honestamente, o espírito corsário e aventureiro, para planejar a navegação em águas plurais, repleta de rastros, enigmas, vozes que emergem de um oceano de conhecimentos, na busca de estados intelectivos raros, que o incitam e o autorizam a largar o cais sem garantias para assim escrever.

Navegação de escrita, vista como um desafio ao intelecto, no uso contínuo das *condições-limite* do pensar; uma jornada que não pode ser estabelecida

previamente, senão no próprio navegar em pesquisa. Para tentarmos trazer à superfície do vivível, o ainda não visto, como um novo sopro mareado capaz de seduzir e sibilar como uma serpente do pensar.

## 2. Caixa de Pandora

É certo que, neste processo de escrita para a criação do Método Espiritográfico, me senti muitas vezes como Virginia Woolf (2014), que, ao reler o que apontava em seus diários para uma escrita posterior, por vezes achava que havia trechos que imploravam por mudanças de palavras, mas que de vez em quando também faziam acertar um alvo inesperado. Visto que o era rabiscado, muitas vezes ditado pelo humor, em uma nova leitura, servia-me como descoberta para o que ainda não percebera. “Mas algo solto rapidamente se transforma em desleixo” (Woolf, 2014, p. 173); aí, entra o esforço de elaboração de escrita, que passa a encarar um personagem ou mesmo um acontecimento que merece registro. Aí, começam as costuras e as amarras, para que assim não se escreva sem diretriz ou com descuido. É necessário estabelecer coordenadas referenciais — via exercícios de sensibilidade — que servem como guia para o espírito que escreve.

Configura-se, dessa maneira, uma caçada de movimentos febris, “de um espírito que deseja imaginar um espírito” (Valéry, 1998, p.11) refazer esse trajeto de pensamento e conceber, assim, uma nova imagem que é dada por nós, oriunda dos labirintos e das entranhas de nossa própria psique. O serpensamento, mesmo tendo noção de sua incompletude, transforma-se no campo do vivível, pois a sua vontade é a de construir um texto como pretexto para fazer aflorar o ainda não descoberto, que passa necessariamente pela captura de nosso olhar.

Assim, valéryar tornou-se um verbo que passava (e passa) por minha boca. Sim, Valéry foi degustado por minhas papilas, observado incansavelmente por minhas retinas, tatuado em minha pele, vivido com uma brisa de “tênuo vapor incorporal” (Deleuze 2011, p. 10). O que possibilitou percorrer uma *via sacra* de escrituras, estações de acontecimento-linguagem por entre arquivos, misto de saberes com implicações éticas trazidas por esses efeitos de superfície

múltipla que substituíram os antigos níveis de profundidade, mas que emergiam das entranhas como uma voz desafoçada.

Uma vida de infante curiosidade se impunha, avessa à tristeza, mas em lapidação constante, pelo indomável espírito que traçava linhas geométricas sobre si como em um cristal em transformação. Tornando cada ideia uma nascente, águas mergulhadas umedecendo a epiderme da sensibilidade, boca de ferocidade, que em sonhos clamava: “que jamais a voz da criança nela se cale, que caia como um presente dos céus oferecendo às palavras ressecadas o brilho de seu riso, o sal de suas lágrimas, sua todo poderosa selvageria” (Blanchot, 2011, p.20).

Nestas condições, para se viver em pesquisa foi preciso ter uma visão microscópica e outra telescópica para tentar desvendar o que há de misterioso na existência. Mesmo porque, as ações escritoras produzidas pelo Método Espiritográfico são criadas em conjunto com os labirintos espirituais dos quais nos ocupamos, escolhidos por paixão e necessidade. Aqui não há uma doutrina metodológica, mas um método para operações espirituais em trânsito pelos macro e micromundos, ofertados ou negados pelo existir. Buscando uma abertura para uma escrita viva transcriada.

O Método Espiritográfico, então, nada mais é do que um fazer mutante de escrita, avesso ao sedentarismo intelectual; um ato físico corporal, posto em movimento por intermédio de estudos e pesquisas, abrindo possibilidades para que o espírito trabalhe e medite sobre a produção de uma obra — de um espírito criador — numa atitude interrogativa transformada em problema para buscar conforme Valéry (2011, p.200): *o que a obra produz em nós?* Isso porque a geração de uma obra do espírito pressupõe um trabalho poético num campo de produção onde o fazer (poiein) somente existe na ação, sendo esse(s) ato(s) de execução repleto(s) de intensidades que os definirão.

Ao adentrarmos vida e obra, surge uma abertura curiosa e enigmática, sobre a qual nos debruçamos como quem olha para uma caixa de Pandora. Até porque como alertava Hesíodo (2006) Pandora (do grego: Πανδώρα, a que tudo dá, a que possui tudo, a que tudo tira), foi à primeira mulher criada por Zeus, na Mitologia Grega, recebe dele uma caixa ou jarro que continha todos os males

e todos os bens do mundo, as possibilidades de tradução para o que resta no jarro, não só como esperança, mas como expectativa, espera, num sentido mais próximo, talvez, do que seria ainda um dos tantos males ali colocados. Diante de tal caixa, estamos sujeitos aos males do mundo, mas há nela fagulhas de “esperança”, uma companheira fiel em uma jornada incerta.

A esperança pode soar como algo da ordem da utopia, e nada existe que deponha contra ela, pois, mesmo sabendo que é inatingível, ela nos impulsiona e nos faz caminhar. Note-se que, nesse investigar, não existem garantias, mas uma luta do espírito que se introduz num universo — abertura da caixa — e guerreia com ele, pois busca uma fuga, uma miraculosa ação, uma escapada da exatidão, para a irregularidade, para o instável do vivido, que nos aparece de vez em quando apenas, mas que é parte constitutiva e acontecimental, da ocorrência que lhe dá corpo.

É preciso, então, armar-nos totalmente, como Minerva pondera Valéry (2011, 208) para agarrar nessa ação de pesquisa o que vem sobre a influência do indefinível, melhor dizendo: de um lado, o indefinível, do outro, a ação sobre esse indefinível. Como Júpiter — fazendo uma analogia —, engolimos Métis (deusa da prudência) e pedimos a Vulcano que abra a machado nossa cabeça, dando vida nova à impetuosa Minerva que traz como vestes a lança, a armadura e o escudo.

Criam-se, assim, através dessa abertura, a descoberta, que é um estado de excelência, de poesia, de sabedoria, de arte, de estratégias de guerra, do espírito consigo mesmo; que tem na sensação a produção valorosa do impulso necessário de sua ação de fazer. Como um texto que se escolhe, por um amor pelo cativo, o que se lê como alimento e excitante, despertando em nós uma liberdade que é “uma sede e uma fonte”, uma energia que nos alegra, inebria e sacia, da qual vertiginosamente somos possuidores e possuídos, como um temporal, uma viração que se aproxima e nos toma desde a “calmaria absoluta até a tempestade” (Valéry, 2011, p. 206). Tal antropofagia tem na escrita tradutória a expressão declarada dos seus sacrifícios exigentes e recíprocos, regiadamente acordados. Acordo este que deixa ver o notável dos acasos e que, entre sons e

sentidos, almeja uma intimidade de ação mais profunda que vislumbra outros possíveis trajetos ainda não percorridos.

O referido Método Espiritográfico liga-se necessariamente à fantasia, ao imaginário de quem o pesquisa e o coloca em movimento. O disparador é algo conhecido, porém, sobre esse conhecido, lançamos problemas de pesquisa que, segundo Corazza (2010, p. 5) são: “movimentos feitos por meio de traçados ex-cêntricos de possibilidades; viagens e mutação extrema; borboletar intelectual; titubear entre blocos de saber e não-métodos”.

Nesse sentido, o Método Espiritográfico possibilitou o desenvolvimento de um tipo de pesquisa em Educação em que se pode, justamente, enfrentar “as dificuldades de pensar o informe” (Corazza, 2013, p.41). Trata-se de uma composição que tem em vista valorizar a pesquisa do espírito humano, juntando as proposições sobre o espírito — como explicitadas por Paul Valéry — à Filosofia da Diferença-Educação, em especial àquela desenvolvida por Gilles Deleuze.

São danças dramáticas que nos impomos em meio à vida in-formada. Como lembra-nos Deleuze (1997, p.11), “a literatura está do lado do informe, ou do inacabamento”, em que “escrever é um estado de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se [...]. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido”. Um exercício vampiresco, imagético, do pensamento, colocando-se com gozo filosófico no lugar de um ser espiritual, uma criatura do pensamento com o qual nos ocupamos. Trata-se em realidade de promover encontros imanentes que fornecem coordenadas para o pensamento crítico, que se experimenta num empirismo transcendental no qual “a Ideia não é o elemento do saber, mas de um ‘aprender’ infinito” (Deleuze, 2006, p.310). O que vale é o valor agregado ao espírito das forças, que do pensamento se apossam, capazes de produzir novas imagens que passam a enunciar e novamente atualizar.

“Observar é, em grande parte, imaginar o que esperamos ver” (Valéry, 2012, p. 123). Ou melhor, são duas coisas muito diferentes que vemos. Até mesmo o objeto mais familiar, aos nossos olhos, torna-se completamente diferente se procurarmos desenhá-lo. Pois, “trata-se sempre de libertar a vida

lá onde ela é prisioneira, ou tentar fazê-lo num combate incerto” (Deleuze & Guattari, 1992, p. 222). Com isso, tornamo-nos capazes de traduzir todas as multiplicidades, diversidades e diferenças existentes no mundo, por meio da incorporação do conhecimento-erro, que se torna básico em função de sua riqueza, advinda de nossas experiências.

### 3. Poética espiritográfica na educação

Salientamos que esse processo que culminou na composição do Método Espiritográfico foi disparado no seminário ministrado pela professora Sandra Corazza, ainda no projeto *Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo método Valéry-Deleuze* (Corazza, 2010). Que entre os objetivos almejava mostrar um Paul Valéry educador, trazendo as contribuições de seus escritos em prosa que versam sobre autoeducação: “considerando o não-aproveitamento desse autor na área da Educação, através de seus escritos plurais” (Corazza, 2011, p.36). Tomei desde então como pesquisadora também este desafio conjunto tendo como sextante o chamado Método 10 (de 2010) elaborado por Sandra Corazza, disponível no livro *Paul Valéry educador* (Campos, 2018, p.157-161). Começou então o sonho, criar um Método Espiritográfico, articulado com os conhecimentos da filosofia, da literatura e da educação da diferença como meio de invenção, a partir de procedimentos tradutórios e biografemáticos, aproximando os conceitos de percepção e de criação.

Quando lemos *A filosofia da composição*, de Edgar Allan Poe, vemos que é possível uma analogia com o próprio processo de composição utilizado para fazer espiritografias. Ao partirmos para um determinado tema sobre o qual queremos espiritografar, é preciso, como o próprio Poe salienta, já ter em vista constantemente o epílogo. Dessa maneira, “poderemos dar a um enredo seu aspecto indispensável de consequência, ou causalidade, fazendo com que os incidentes e, especialmente, o tom da obra tendam para o desenvolvimento de sua intenção” (Poe, 2009, 113). E a intenção que devemos ter ao espiritografar é operar um fazer sinérgico de entre leitura e escrita. Por esse meio, — *modus operandi* — pas-

samos a investigar as vidarbos de outros espíritos para com eles produzirmos textos de tecitura poética.

Sendo assim, o Método Espiritográfico foi concebido como uma maneira de ler e interpretar à realidade, onde Corpo-Espírito-Mundo (CEM) encontra-se sempre em ação funcional. Pois, como afirma Valéry (2011, p. 215) “tudo passa entre o que denominamos o Mundo Externo, o que denominamos Nosso Corpo, o que denominamos Nosso Espírito”. Abre-se assim, um campo educativo virtual, ficcional e tradutório onde o espírito se encontra consigo mesmo e também com suas circunstâncias de mundo, num determinado tempo e espaço, passando a funcionar em atravessamentos entre a realidade e o sonho.

Engendrou-se desta maneira na didática e no currículo da diferença, uma vontade de expressão, ligada às sensações, que são experienciadas em novos traçados compositivos de escrita spiritográfica. Colocando em funcionamento uma concepção secular de escrita que serve ao campo da educação como um desafio tradutório, uma empiria poética sempre em mutação, que se afirma e se atualiza entre fluxos e entre-fluxos da linguagem que constitui um arquivo a ser explorado e por via de consequência transcrito. Pois, como pondera Valéry (1941, pág. 188) “é perfeitamente inútil um saber que não posso modificar”.

Durante o percorrido de pesquisa entre mestrado, doutorado e pós-doutorado foram criados onze tipos de spiritografias através do funcionamento do Método Espiritográfico. Escrever, como pensa Valéry (1995), é fazer um trabalho de tradução, desde que nesse ato haja reflexão, no sentido de colocar o próprio pensamento em uma dobra especular em que ele possa perceber-se em processo. Trata-se de conceber a escrita, em especial aquela vinculada a um ato de criação, como a evidência de um processo de tradução permanente e, nesse sentido, como exercício de pensamento.

Para ilustrar segue abaixo um dos tipos, chamada de Spiritografia plagiotrópica (Campos, 2018 p.181). O texto inspirador para a produção desta spiritografia é o livro de Gonçalo Tavares (2011), intitulado *O senhor Valéry e a lógica*, tomado como um disparador, como um meio potente para a produção de escri-

ta. Esse meio textual produz um outro texto, para falar e escrever sobre a *Vidarbo* (vida-obra) de Paul Valéry, criando-se assim um personagem: *O Monsieur Valéry*.

Esse texto é produzido, por intermédio de esrileituras, que contemplam o ainda não visto ou ainda não atribuído de valor para a criação do personagem, na medida em que pesquisamos sobre a vida e a obra de Valéry; de modo a escrever sobre este personagem peculiarmente. Personagem que guarda certa semelhança com *Monsieur Teste*, pois “há, na sua linguagem, não sei que poder de fazer ver e entender o que temos de mais oculto... E, contudo, suas palavras são humanas, nada além de humanas” (Valéry, 1997).

Tal composição ocorre por intermédio de um olhar outro, que não o de Tavares, mas do olhar do espírito esrileitor, que pesquisa vida e obra de outro espírito, no caso Valéry, desejamos compor uma esrilitografia com e sobre este personagem do pensamento. O que pressupõe, ir ao mundo deste espírito do qual se escreve, observando como se dá o seu pensar.

Lembrando o que salienta o próprio Valéry (2011, p. 110), “eu sei apenas o que sei fazer”, expomos os movimentos empíricos de escrita feitos para criar essa esrilitografia, através de movimentos de EIS (currículo) AICE (didática), apresentados a seguir, por meio de um resumo do seu Glossário:

#### EIS

*Espaços*: que se habitam e produzem condições para novamente serem habitados ao esvaziar-se na constituição de novas margens que, a sua vez, lhes doam novas instâncias habitáveis.

*Imagens*: ausentes que presentificam presenças e Imagens presentes que presentificam ausências.

*Signos*: são dotados das forças dos encontros, que podem exercer uma violência sobre o pensamento; violência que implica na criação do pensar no próprio pensamento

#### AICE

*Autor-Tradutor*: escreve, lê, interpreta, aprende, compõe, apenas para desencadear devires.

*Infantil*: como força ativa e vontade de potência afirmativa.

*Currículo*: cria a alegria afirmativa de educar.

*Educador*: exercita se interrogar se tudo o que disse, até então, é tudo o que pode dizer; se tudo o que viu, até agora, é, de fato, tudo o que pode ver; se tudo o que pensa é tudo o que pode pensar; se tudo o que sente é tudo o que pode sentir; se tudo o que traduziu é tudo que pode traduzir.

Desta maneira, foram produzidos quatro minicontos que seguem abaixo: *O Atum*, *O Ostinato*, *O Sonho e Sem Destino*.

### ***O Atum***

MONSIEUR VALÉRY era pequenino, mas adorava nadar. Ele explicava: sou igual a um atum, só que em tamanho menor. Mas isto constitui para ele um problema. Mais tarde, Monsieur Valéry pôs-se a pensar que os pescadores podiam confundir-lo com um atum e pescá-lo. Sabia, por suas leituras, ser o Atum o mais antigo deus criador do mundo Mediterrâneo e observou, em seu livro, a grande Serpente Atum, pai de Enéade e Heliópolis. E tal pensamento o animou um pouco.

Dias depois, saiu para passear a beira-mar e desenhava serpentes na areia. E pensava sobre a evolução das espécies e murmurava: “se o homem está situado ao final de um longo esforço genético, também será preciso situar esta criatura fria, sem pata, sem pelos, sem plumas, no início deste mesmo esforço”. E concluiu: “há algo de serpente no homem, assim deve também haver em mim”.

Monsieur Valéry costumava fazer cálculos enquanto caminhava, e riscava atrás de si com uma varinha uma linha e ia medindo. Caminhou, caminhou, de súbito olhou para trás e viu a linha e pôs-se a imaginar a Serpente como uma linha viva. E pensava que a linha é uma abstração encarnada, só enxergamos a sua parte próxima, manifesta. Mas ele sabia que a linha seguia pelo invisível infinito, de um lado e de outro.

### ***O Ostinato***

MONSIEUR VALÉRY cresceu, assim como também cresceu sua curiosidade sobre as serpentes, que seguia a rabiscar.

Monsieur Valéry ainda costumava nadar, porém agora com maior desenvoltura.

Jogava-se ao mar e nadava de costas, cachorrinho, borboleta...

Enquanto dava suas braçadas e mergulhos no mar sem fim, sentia-se acompanhado.

Então Monsieur Valéry pensava: — Será Afrodite? Ou será Netuno?

E enquanto caminhava para casa após seus nados, volta e meia olhava para trás, observando a linha pintalgada pelos pingos que escorriam de seu corpo.

Então Monsieur Valéry exclamava: — Que bela geometria!

E logo se aborrecia.

Monsieur Valéry era um perfeccionista e, para se distrair durante o percurso de volta para casa, ia compondo versos obstinatos que o enterneciam e lhe traziam aromas de um pensamento. Ele costumava declamá-los assim:

Fonte, minha fonte, água friamente presente,  
Suave com os animais, com os humanos clemente,  
Que tentados por si seguem ao fundo a morte,  
Tudo te é sonho, Irmã impávida da Sorte!

### ***O Sonho***

MONSIEUR VALÉRY costumava dormir cedo, pois dava grande importância ao sono e aos sonhos. Aos amigos que lhe perguntavam sobre os seus sonhos, ele explicava:

— “Sonho, sonho, mas o sonho inteiro penetrado de simetrias, só ato e sequência!...”.

Depois de explicar, então, Monsieur Valéry foi dormir. Antes de pegar no sono, costumava desenhar, e desenhou novamente uma serpente. E pensou:

— A serpente que desenho, no papel ou na terra, é uma Hierofania, um instante de manifestação. E então, dormiu!

Monsieur Valéry era distraído. No dia seguinte, ao tentar levantar, assustou-se e caiu no tapete ao lado de sua cama. Sentiu um cheiro de maresia no ar, mexeu-se e viu que dele mesmo caíam escamas e que havia certa dificuldade para respirar. Ebugalhou os olhos enormes, que se refletiam em um espelho do quarto. E abismado pensou:

— Atum!

E desmaiou.

*Sem Destino*

E os dois se colam como fossem cera quente,  
que as formas perca e as cores borre:  
nem um nem o outro já exibia o que era:

MONSIEUR VALÉRY acorda de súbito, verificando o que era neste exato instante e o que havia sido no passado.

Monsieur Valéry então pensava, mareado:

— Se conseguir sobreviver, conhecerei um terceiro Eu.

E nessa altura, com um ar vago de atum, dava impulso com suas barbatanas em direção à janela aberta. E exclamava:

— O passado tem um Monsieur Valéry, o presente sou Eu-Atum, e o futuro terá Outro Eu. Pelos meus cálculos, sou três Eus, no mínimo!

O Eu-Atum, com seus olhos de vidro translúcidos, calcula a força e o impulso exato e necessário para saltar pela janela. O tapete do quarto está coberto de escamas de seu presente-passado. E arrisca o salto!

— Então...

— Cá estou, manifesto como a dinâmica do círculo Uróboro, corrente das horas serpenteadas de plumas, apenas sendo o que permanece, espírito da alma primeira de todas as águas, as que correm debaixo ou na superfície da terra e as que vêm de cima. Podem me chamar também de Ofis ou Draco, pois o destino, isso é que desconheço o que seja. E voou como um dragão alado por sobre rios e mares em direção ao Extremo Oriente.

Importa salientar que não há um plágio, porque não é cópia ou mera reprodução textual, mas de uma *plagiotropia*, no sentido de Haroldo de Campos (1997, p. 249), qual seja: uma “apropriação seletiva, não histórica, para utilidade imediata de um fazer poético, situado na ‘agoridade’, o momento de ruptura em que determinado presente (o nosso) se reinventa ao se reconhecer na eleição de um determinado passado”. Ou seja, a cada vez que colocamos um texto na esteira tradutória, fazemos emergir uma didática efetivamente marcada pelo trânsito entre o texto original e a transcrição. Transcrição que não apenas vivifica o original,

mas interfere de maneira afirmativa na prática docente, pois o educador-tradutor, diz Haroldo de Campos, “vampiriza, o que corresponderia à ideia de mutabilidade do original pela atuação crítica de sua tradução” (Campos, 2013, p. 217).

Em outras palavras, estabelecemos um diálogo entre os espíritos de Valéry, de Tavares e de um esquireitor que quer compor uma esquireitografia. O espírito que escreve, lê, repensa e mastiga o que chega dos textos de Tavares e de Valéry. Essa relação estabelecida entre os espíritos que leem e escrevem adquire potência pelas afecções de forças, oriundas da ação de leitura-escrita e gera novas relações com os textos, que são, então, renovados e reinventados, pelo Método Esquireitográfico.

O EIS AICE do Currículo e da Didática com suas unidades analíticas são postos, em movimento, através de um nomadismo intelectual, que opera como conhecimento e como invenção, no território da educação de uma maneira esquireitográfica valéryana. Podemos descrever da seguinte maneira os movimentos tradutórios que ocorrem nessas unidades analíticas de EISAICE:

### *EIS*

*Espaços* – são criados entre e com Tavares e Valéry, espaços de escrita, novas margens que o espírito esquireitor passa a habitar.

*Imagem* – ausentes de Tavares e Valéry, que se presentificam na *agoridade* com novas imagens de pensamentos criadas; “reinventa ao se reconhecer na eleição de um determinado passado” (Campos, 1997, p.249) e funciona como disparador, um rastro de escrita.

*Signos* – encontro de forças, de um espírito que escreve em *Self-variance*, com Valéry e com Tavares. E desta violência levantam-se problemas e com eles se cria, pois criação pressupõe pensar no próprio pensamento e como eles se dão entre leitura e escrita.

### *AICE*

*Autor-tradutor* – ler e escrever na educação, como operação literária, valer-se da literatura, que desencadeia movimentos de: pensar, interpretar, aprender, compor, devires tradutório.

*Infantil* – do infante, da criança que descobre, pois tem a força ativa, ativada por uma vontade de potência que quer afirmar-se com alegria.

*Currículo* – Alegria que transborda, pois se afirma novos meios de educar, que não o “eu professo/tu escutas”, pois, na teimosia que nos impele a educar é necessário ir além da mera reprodução de textos.

*Educador* – EEE (estudante, escritor, educador), três papéis intercambiáveis, propício a interrogar-se, levantar questões, na busca de novos olhares, “vãos” sobre o ainda não visto que possibilita novas composições de escrita.

Nesse fazer espiritográfico é necessário *Le plaisir de faire* (o prazer de fazer); um jogo como ação de pensar que compõe uma escrita poética; que cultiva uma ofis-sofia autofecundante para uma educação espiritual que preza os movimentos antropofágicos de um serpensamento e que como o Ouroborus, — a serpente simbólica – devora-se a si por meio de um pensar círculo vicioso, um eterno retorno, porém nunca ao mesmo estado original que deu início ao processo.

Acreditamos que a Educação é um lugar onde se inventa no movimento de escreitura, nas relações que esse movimento comporta e, principalmente, na invenção e reinvenção como um espaço de ficção. Entende-se que é preciso dramatizar o conceito de verdade (Deleuze, 1994), atentar para as forças e vontades que esse conceito qualifica e pressupõe por direito, pois qualquer produção de verdade sempre teve um pacto com a ficção. Disso resulta dizer que o que queremos com o trabalho da docência não é uma produção de verdade, mas a instauração de um multiverso de possíveis para o ensino. No âmbito de nossas pesquisas, atuamos vivencialmente esse processo em aulas, seminários, oficinas, criando um espaço para novas criações de imagens de pensamento, verificando que é possível uma educação dos sentidos.

É disso que trata este Método Espiritográfico aqui exposto, ou seja, dar chance aos espíritos para que seus corpos tenham a oportunidade de manter novas relações que convenham à sua própria natureza. Não há uma concepção de verdade imutável, mas antes uma proposta de mover estudos, pesquisas e práticas de reinventar o espaço-aula, um lugar por excelência para o encontro de

corpos em suas ficções. Aula elaborada em tradução torna-se uma abertura às forças que desejam territórios ao Acontecimento:

Afirmando a docência como uma ação singular, que provoca encontros, conexões e contágios, os quais acolhem a força vital da criação, o trabalho de pesquisa insistirá na relação imanente entre leitura e escrita, perfazendo-se como tradução transcriadora. Baseada na coragem da existência do professor, própria do trabalho de pesquisa e invenção, a Aula não remeterá à eternidade de qualquer ideia nem à representação do passado, mas expressará o eterno retorno da diferença e o seu caráter infinito. Os devaneios de Aula mostrarão a personalidade interior feminina dos professores; e, embora oníricos, por serem diurnos, serão dotados de uma certa lucidez e consciência; enquanto, nos sonhos noturnos, a alma dos professores nunca descansa (Corazza, 2019, p. 53)

Como em um sonho foi possível ao espírito pesquisar, respirar outros ares, para retomar o fôlego, traduzir e traduzir-se, pois nos meandros da educação, “tudo se compõe, se combina, se substitui, se compensa, se mistura e se desmistura, e isso é o Espírito” (Valéry, 2016, p. 32).

## Referências

- Barthes, R. (2013) *Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France*. (L. P. Moisés, Trad.). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Blanchot, M. (2011). *Uma Voz Vinda de Outro Lugar*. (A. Lisboa, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Breton, D. (2013). *El tatuaje*. (R. Albé, Trad.). Madri: Casimiro Libros.
- Campos, H. (1997). *O Arco-Íris Branco*. Rios de Janeiro: Imago.
- Campos, H. (2013). *Transcrição*. São Paulo: Perspectiva.
- Campos, M. I. K. de. (2018). *Paul Valéry educador*. Porto Alegre: Ed. Mikelis.
- Campos, M. I. K. de. (2017). *Educação da diferença com Paul Valéry: método espiritográfico*. Tese. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil.
- Corazza, S. M. (2010). *Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze*. Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq em agosto de 2010.

- Corazza, S. M. (2011). Projeto de Pesquisa (CAPES/INEP) *Escrituras: um modo de ler-escrever em meio à vida Observatório da Educação* (2011 – 2015).
- Corazza, S. M. (2012). *Didaticário de Criação: aula cheia*. Porto Alegre: UFRGS.
- Corazza, S. M. (2014) Projeto de Pesquisa de Produtividade (CNPq). *Didática da Tradução, transcrições do currículo: escrituras da Diferença* (2014-2019). Porto Alegre.
- Corazza, S. M. (2019). *A-traduzir o arquivo da docência em aula: sonho didático e poesia curricular*. Projeto de Pesquisa de Produtividade (CNPq, março de 2019 a fevereiro de 2023), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil.
- Deleuze, G; Guattari, F. (1992) *O que é a filosofia?* (B. P. Júnior T e A. A. Muñoz). Rio de Janeiro: Ed. 34.
- Deleuze, G. (1994). *Désiretplaisir*. Paris, n. 325 (pp. 57-65) Magazine Littéraire.
- Deleuze, G. (2006). *Diferença e repetição*. (L. Orlandi e R. Machado, Trad.). Rio de Janeiro: Graal.
- Deleuze, G. (2011). *Lógica do Sentido*. (L. R. S. Fortes, Trad.). São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Descartes, R. (1983). *Discurso do método*. (J. Guinsburg e B. P. Júnior, Trad.). São Paulo Abril Cultural.
- Hesíodo. (2006). *Os Trabalhos e os Dias*. (M. C. N. Lafer, Trad.). São Paulo: Iluminuras.
- Hesse, H. (1995). *O lobo da estepe*. (I. Barroso, Trad.). Rio de Janeiro: Record.
- Poe, E. A. (2009). *Poemas e ensaios*. (O. Mendes e M. Amado, Trad.). São Paulo: Globo.
- Tavares, G. M. (2011). *O senhor Valéry e a Lógica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.
- Valéry, P. (1941). *Tel Quel I*. Paris: Gallimard.
- Valéry, P. (1955). *Variations sur les Bucoliques*. Traduction en vers des Bucoliques de Virgile, Paris: NRF.
- Valéry, P. (1997). *Monsieur teste*. (C. Murachco, Trad.). São Paulo: Ática.
- Valéry, P. (2009). *Alfabeto*. (T. Tadeu, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Valéry, P. (2011). *Variedades*. (M. M. Siqueira, Trad.). São Paulo: Iluminuras.

- Valéry, P. (2012). *Degas dança desenho*. (C. Muracho e C. Euvaldo, Trad.). São Paulo: Cosac Naify.
- Valéry, P. (2016). *Maus pensamentos & outros* (P. Câmara, Trad.). Belo Horizonte: Ed. Âyiné.
- Woolf, V. (2014) *Um teto todo seu*. (B.N de Souza e G. Mattosso, Trad.). São Paulo: Tordesilhas.
- Zordan, P. (2015) *Os livros e a vida*. Revista de Educação Pública. v. 24, n. 56, Cuiabá,(pp.471-481). Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/index.php/educacaopublica/article/view/2444/1711>. Acesso em: 16 dez. 2015.